

A invasão dos asiáticos

As montadoras orientais caem nas graças do consumidor brasileiro

OS ASIÁTICOS estão avançando no mercado brasileiro de veículos leves. Prova disso é que eles conquistaram três dos cinco primeiros lugares do ranking das empresas mais admiradas em 2010. A sul-coreana Hyundai avançou na liderança, desbancando nomes sólidos como os das japonesas Toyota e Honda, marcas que conquistaram o primeiro e segundo lugares, respectivamente, em 2009. O ranking reflete uma surpreendente arrancada da Hyundai, que ocorre não apenas no Brasil, mas também na Europa e nos Estados Unidos.

A montadora sul-coreana, que no passado chegou a ser considerada detentora de produtos de má qualidade, transformou-se em uma empresa preocupada com alta tecnologia, desempenho e design arrojado. Com esse tripé, ela pretende fechar 2010 entre as cinco maiores montadoras do mundo. Para mostrar ao consumidor que deixou o passado definitivamente para trás, a Hyundai oferece garantia de cinco anos para seus veículos. E retomou a construção de uma fábrica em Piracicaba (SP), com investimentos que devem passar de 1 bilhão de reais.

Os carros da Hyundai, Toyota e Honda têm conquistado espaço na fatia

Ranking			
2010	2009	EMPRESA	2010 %
1º	10º	Hyundai	14,42
2º	3º	Volkswagen	13,45
3º	2º	Honda	10,09
4º	1º	Toyota	8,99
5º	4º	Fiat	8,15
6º	*	Mercedes-Benz	6,34
7º	6º	Volvo	4,72
8º	9º	Ford	3,95
9º	8º	GM	3,75
10º	7º	BMW	3,30
11º	5º	Bosch	3,23
12º	12º	Audi	2,13

Base: 4.656/1.238 / igual ou inferior a 1%
Fonte: Total de stakeholders

Foto

crescente da população que busca carros mais completos. "O crescimento da renda e a expansão do crédito vêm alterando o comportamento do consumidor brasileiro", afirma Fernando Trujillo, analista de produção de veículos leves para a América do Sul, da consultoria CSM Worldwide. Trujillo afirma que, apenas em agosto, havia crédito disponível para o segmento na ordem de 120 milhões de reais. "E cada vez mais os recursos se ampliam."

A redução de impostos como o IPI

Foto

nos veículos 1.0 surtiu apenas um efeito psicológico na hora das compras, na opinião de analistas. "O imposto reduziu cerca de mil reais no valor de um carro que custa, em média, 25 mil reais. Por isso, não impacta de forma relevante o bolso deste consumidor", ressalta o professor da Universidade de São Paulo (USP), Nelson Barrizelli.

No geral, as vendas de automóveis devem continuar a crescer nos próximos anos. A CSM estima que, em 2016, serão vendidos 4,2 milhões de veículos. Este ano,

a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) está bem otimista e prevê uma venda recorde de 3,4 milhões de unidades. A CSM é mais cautelosa, e espera uma venda de 2,93 milhões.

No balanço deste ano, a Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) aponta vendas de 2,5 milhões de unidades até setembro, o que representa expansão de 8,69% em relação a igual período de 2009. E o mercado está tão promissor que pas-

sou a atrair mais estrangeiros - leiam-se asiáticos. As chinesas Chery, Chana, Effa Changhe, Lifan e Jinbei Automobile (todas da China) foram as primeiras, da nova leva, a aportar por aqui.

O mercado de caminhões e ônibus também deve continuar aquecido, na opinião do analista de vendas para a América do Sul, da CSM Worldwide, Matheus Manssur. "A redução do IPI a zero até dezembro deve impulsionar um crescimento de 38,7% em relação ao ano passado", comenta.

Foto

Maior montadora da Europa, a Volkswagen lidera o ranking setorial com a Mercedes-Benz. As empresas contam com o crescimento do mercado dos Brics (Brasil, Rússia, Índia e China) para impulsionar o desempenho. O Brasil ainda tem uma peculiaridade em relação a vários outros países: as rodovias respondem por 58% do total de cargas transportadas, segundo pesquisa divulgada pela Logística Intermodal (Log-In).

Outro movimento impulsiona a demanda por veículos este ano: a partir de 2012, os caminhões vão ter de reduzir pela metade a emissão de seus gases poluentes. A determinação faz parte da resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) Fase P-7, também conhecida como Euro 5. Para cumprir esta meta, a indústria automotiva está desenvolvendo catalisadores e outros

A volta do IPI não invalidou as previsões, que dão conta de crescimento nos próximos anos

Reação em cadeia.

O aumento das vendas estimula o mercado de peças e pneus

equipamentos a ser acoplados aos motores, além de aditivos para combustíveis.

Na prática, segundo Manssur, os veículos devem ter um incremento de preço na faixa de 15 mil reais. "Como muitas empresas renovam sua frota entre dois e cinco anos, algumas optam por comprar agora que o IPI está reduzido para economizar no volume de compra, já que terão de investir mais no futuro", explica.

Dominado pelas estrangeiras, o mercado de autopeças foi liderado novamente pela Bosch. Cerca de 70% do segmento é de capital estrangeiro. E deve permanecer assim, principalmente com a demanda por autopeças aquecida. "Tudo tem a ver com a procura, porque as montadoras acabam por absorver grande parte da produção de autopeças e, portanto, barganham os preços do mercado. Por isso, quem sobrevive são as mais consolidadas", diz Trujillo, da CSM.